

MERGULHO NO ESPECTRO AZUL: práticas somático-performativas no mar com meu filho autista

Ciane Fernandes¹

<https://orcid.org/0000-0002-2380-5034>

RESUMO

Apresentação e discussão de algumas práticas somático-performativas desenvolvidas com meu filho autista Lucio Di Franco, desde 2018, parte do projeto Imersão como Pesquisa: Criação e composição somático-performativas a partir de deficiências invisíveis e(m) ambientes fluidos. Enquanto algumas atualizações médicas embasam a transição de “ser” autista para “estar” autista, a somática é utilizada como arcabouço técnico e estético para ampliar as possibilidades expressivas no/ com o ambiente fluido, desenvolvendo modos de existência mais potentes e integrados.

PALAVRAS-CHAVE: Somática; Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (Autismo); Deficiência; Ecomperformance; Mergulho livre.

DIVING IN THE BLUE SPECTRUM: somatic-performative practices in the sea with my autistic son

ABSTRACT

Presentation and discussion of some somatic-performative practices with my autistic son Lucio Di Franco, since 2018, part of the project Merger as Research: Somatic-performative creation and composition from invisible disabilities and/ in fluid environments. At first, some medical updating supports the shift from classical psychiatric autism towards a more clinical dysfunction syndrome. Then, somatics is used as technical and aesthetic framework to widen the expressive possibilities with/ in the fluid environment, developing more potent and integrated modes of existence.

KEYWORDS: Somatics; Pervasive Developmental Disorder (Autism), Disability; Ecomperformance; Free diving.

¹ **Ciane Fernandes** é Professora Titular da Escola de Teatro da *Universidade Federal da Bahia* (UFBA) e uma das fundadoras do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA. Ph.D. em Artes e Humanidades para Intérpretes das Artes Cênicas pela *New York University*, Analista de Movimento pelo *Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies* (New York), de onde é pesquisadora associada. E-mail: cianef@gmail.com.



Este texto descreve e discute algumas práticas somático-performativas que tenho desenvolvido com meu filho Lucio Di Franco, em especial aquelas que têm envolvido o mar e mergulho livre. Outras atividades já foram relatadas anteriormente, relativas à ecoperformances em ambientes naturais na Chapada Diamantina (FERNANDES, 2018a). Como mãe de um rapaz de 16 anos com Transtorno Invasivo do Desenvolvimento em nível severo, relato minhas experiências que extrapolam sessões terapêuticas (por mais maravilhosas que sejam) de no máximo uma hora em um ambiente hermeticamente fechado e controlado. Estes relatos são de quem vive 24hs por dia imersa nessa condição, numa fala somática, isto é, percebida de dentro, e da perspectiva do corpo vivo e integrado no todo. É justamente esta noção do todo que é esfacelada no autismo, e posso garantir que a somática e a performance tem sido duas aliadas fundamentais para minha sobrevivência.

Sair para um ambiente aberto com um autista que a qualquer instante, e várias vezes ao longo do dia e da noite, tem crises auto e heteroagressivas extremas (apesar dos inúmeros tratamentos continuados, melhorando significativamente mais recentemente com o uso do óleo de *cannabis sativa* ou canabidiol), é um risco que também ultrapassa qualquer busca por experiência liminar teatral e/ou ritual, já que não se trata, primeiramente, de uma opção estética ou mesmo ética. Trata-se, antes, de sobrevivência, uma vez que é preciso ir a inúmeras terapias e, antes da pandemia do COVID-19, fazer exercícios em ambientes abertos (por questões de metabolismo e desintoxicação que tratarei mais adiante).

No entanto, muito antes da pandemia nos atingir, quem tem filho autista tem estado em *lockdown* justamente porque não há como se adaptar à neurotipia vigente em todas as suas supostas variações e aberturas. Sair de casa é um esforço descomunal, não apenas por conta de todo o tempo despendido nos inúmeros protocolos caseiros diários - que incluem desintoxicação geral, quelação de metais pesados, anti-virais, anti-parasitários, nebulizações, extensa suplementação, eletromedicina e até mesmo lavagens intestinais, além de uma dieta altamente restrita e trabalhosa de realizar -, mas pelas dificuldades da própria condição comportamental autista, a resistência a mudança de rotina, o risco iminente de algum ataque, além da total falta de apoio humano e material no contexto sócio-econômico vigente. Neste contexto, que para famílias autistas em geral já era de isolamento muito antes da pandemia, estar sozinha com uma



criança autista é um grande desafio em todos os níveis, a começar pelo físico, em termos de força, energia, espacialidade, ritmo de repouso, alimentação e eliminação (que são constantemente interrompidos e até mesmo impedidos ou negligenciados quando se tem uma prioridade tão emergencial dia e noite sob sua responsabilidade).

Como se isto tudo já não bastasse, sair de casa também é difícil por vários outros fatores além do autismo em si mesmo. Primeiro, porque a criança autista muitas vezes não aparenta ser “deficiente” (“diferente” toda criança é, todas as formas de vida são diferentes umas das outras, tem suas próprias especificidades, mesmo gêmeos são pessoas diferentes; diversidade é característica fundante da vida). Segundo, porque há um desconhecimento generalizado sobre o que é o espectro autista e um despreparo quase que completo em lidar com sua amplitude (daí ser chamado de espectro). Além disso, clichês e jargões rotulantes são acrescentados a este desconhecimento e despreparo, perpetuando uma imagem equivocada, ações e reações pouco sensíveis ao quadro real, tanto fisiológico quanto psicológico e afetivo, desta pessoa que já tem muita dificuldade em se expressar e em explicar com seus próprios meios.

Muitas vezes a criança autista não aparenta ser diferente, e suas crises ou atitudes extremas despertam as outras pessoas com muita avidez e até mesmo ímpeto de intervenção, dando opiniões nem sempre muito experientes, ainda mais que cada caso é um caso. Pelos muitos anos que tenho vivenciado crises de meu filho em público, o que percebo é que, uma vez que a criança, inicialmente não enquadrada no espectro, de repente passa a receber o rótulo de diferente devido a algum incidente qualquer disparador da crise (que pode ser interno ou externo à criança, ou ambos), então uma carga ainda maior é jogada imediatamente para a responsável, como num jogo de espelhos. Ou seja, o déficit em termos de neurotipia do filho é imediatamente cobrado do/da responsável.

Há uma expectativa imediata de que, no meu caso, a mãe saiba controlar e resolver o problema que acaba de surpreender a todos de modo absolutamente inesperado e até mesmo chocante e desesperador. Pelo que tudo indica, eu sou neurotípica, mas não sou terapeuta, e apesar de ter mais experiência que os leigos e



desavisados no caso, justamente a exposição continuada a essa doença², muitas vezes pode ser o que me exaure por estar sempre na gangorra entre ajustá-la ou ajustar-se a ela o melhor possível. É realmente um jogo de forças muito intenso e permanente, que quando convoca mais do que três ou quatro pessoas, exige alguma ferramenta mais eficaz.

Lembro-me de ter viajado a São Paulo com meu filho há uns três anos atrás, para tratamentos. No aeroporto de Congonhas, já de volta para Salvador, após cinco dias praticamente sem dormir e já tido diversas experiências liminares com vizinhos e pedestres desavisados, chegou a hora da cena no *check in*. Ficamos na fila preferencial (apesar de olhares estranhos aos quais eu expliquei a situação) e, após certo tempo (já que hoje em dia quase todo mundo tem prioridade), nos dirigimos à atendente. Por algum motivo incógnita (talvez porque tivemos que esperar), Lucio começou a se bater e gritar muito, e também a bater no balcão, na mala, em mim, enfim, em tudo que pudesse alcançar.

A atendente entrou em pânico e repetia incessantemente: “Faz ele parar, por favor, faz ele parar!”. Eu não podia responder à atendente ou ajudá-la nesse estado de desespero porque tive que me virar para chamar minha irmã que, tentando aliviar a tensão, havia saído com ele correndo, levando também minha bolsa com meus documentos. Pedi que retornasse imediatamente porque isso não adianta e, na verdade, pode piorar a crise e suas consequências gerais (e eu não conseguiria fazer o *check in*; manter o foco é muito importante nessas horas). Quando me virei de volta à atendente em alguns segundos, ela já havia desaparecido, e cerca de cem pessoas, talvez mais, nas filas e em outros guichês, olhavam fixo para nós, como se o *espaçotempo* tivesse congelado.

Sem titubear, me virei para o público da cena, e expliquei abertamente a todes (estou acostumada a dar palestra e tenho treinamento em canto lírico, tenho boa projeção vocal), que se tratava de uma criança autista, parte de um quadro de transtorno de desenvolvimento que tem afetado uma a cada seis crianças em números

² Sim, autismo é uma doença que precisa de vários tratamentos concomitantes e isso não significa negar o lugar do autista na sociedade e querer tratá-lo ou curá-lo para tornar-se neurotípico, mas sim dar-lhe o direito a melhorar dentro de suas possibilidades neurológicas, que certamente seriam muitas se tivéssemos acesso a todas as técnicas e tecnologias que vem sendo desenvolvidas com esse fim.



alarmantemente crescentes nas últimas décadas;³ expliquei que essa crise já estava sendo controlada com medicações (nesse meio tempo entre tantas ações havia realmente ministrado um medicamento a ele próximo ao balcão) e que duram no máximo cinco minutos (essa parte foi um pouco de invenção, ou melhor, imaginação, mas por uma boa causa). Avisei que já estávamos tomando as medidas necessárias, e que estava tudo sob controle, por isso todos poderiam agora voltar a olhar para outros lugares. Isso parece ter diluído o congelamento geral e as pessoas lentamente voltaram a se mover como antes. Enfim, é como disse anteriormente, não é só a doença em si que dificulta sair de casa.

O contexto também não ajuda, e exige um constante estado de prontidão cênica, improvisação discursiva e interativa, bem como bastante paciência pedagógica, já que você tem que explicar as mesmas coisas que fazem parte do seu cotidiano há mais de uma década (e que nem são exatamente uma questão do seu corpo, mas do corpo de outra pessoa que você nem sabe o que está sentindo) a inúmeras pessoas diferentes todos os dias. Ou seja, modos de se reinventar em ação é condição *si ne qua non* para sobreviver nesse contexto entre autismo e sociedade. E isso tudo além do fato de estar efetivamente cuidando da pessoa autista (além de ter que se lembrar constantemente de cuidar de si mesma). E não podemos esquecer da constante luta contra o plano de saúde, além das infundáveis burocracias de reembolso, justificativas, vai e vem de documentos etc., que são um verdadeiro teste de resistência.

A questão-chave no que diz respeito à epidemia autista tem a ver com a difícil distinção entre “ser” ou “estar” autista. “Ser” autista refere-se ao autismo “clássico” ou “autismo infantil precoce”, síndrome rara delineada inicialmente por Leo Kanner em 1943, cujas duas principais características diagnósticas (entre várias outras) são uma profunda falta de contato afetivo e comportamento repetitivo e ritualístico, que deve ser de um tipo elaborado (apud GOLDBERG, 2011). Ou seja, trata-se de um quadro puramente psiquiátrico, se é que isso realmente existe, pois hoje sabemos que todos os

³ Inclusive já está sendo considerada uma epidemia, mas em meio à atual pandemia, não se ouve falar em mais nada, quanto mais em algo tão desagradável como uma criança nesse estado. É cientificamente impossível haver uma epidemia de um distúrbio genético. Portanto, há que se investigar as reais causas do que chamamos “autismo”, diagnóstico que inclusive vem sendo criticado por pessoas como as do *Stop Calling it Autism!* (SCIA; www.stopcallingitautism.org) que, como Dr. Michael J. Goldberg (2011) defendem que não se trata de uma doença psicológica ou do desenvolvimento, e sim de uma doença médica de disfunção neuroimune.



quadros psiquiátricos e condições psicológicas supostamente abstratas, de fato, tem marcadores muito distintos em termos morfológicos, biofísicos, bioquímicos etc. Mas com certeza tem determinações genéticas. Já “estar” autista” refere-se a uma combinação de fatores principalmente ambientais (mas que podem incluir fatores genéticos tratáveis), como intolerância alimentar, intoxicação por metais pesados, infecções virais e/ou bacterianas inicialmente agudas e posteriormente crônicas, doenças autoimunes disparadas por vacinas ou outros componentes, inclusive genéticos, entre outras.

Dr. Rogério Rita (2020) atualiza esta distinção, e menciona dois tipos de autismo: o genético, a exemplo do autismo provocado por problema de metilação; e o autismo ambiental, que é neuro-inflamatório. Assim, Dr. Rita desfaz o modelo clássico onde existiria um quadro incurável típico, e propõe que todo quadro autista tem um tratamento apropriado, quer seja para causas genéticas, quer seja para causas ambientais. Como esclarece Dr. Michael J. Goldberg:

Então, como tantas crianças agora podem ter um distúrbio tão raro? Como uma rara, quase inaudita “disfunção mental grave” pode se tornar algo que todo pediatra está vendo, algo com que todos os pais estão preocupados? ... Enquanto eu apresentava as imagens NeuroSPECT do cérebro, imagens reais do que estava acontecendo no cérebro de crianças doentes, e oferecendo uma razão médica para a disfunção - um possível processo de doença, não um distúrbio de desenvolvimento -, isso não parecia importar além das paredes da conferência! Se a profissão médica não aborda isso como um problema a ser resolvido, como os pais e milhares de crianças afetadas esperam uma resposta? As crianças estão apresentando sintomas clássicos de distúrbios virais, verdadeiras encefalopatias, mas esses sintomas são ignorados porque essas crianças são rotuladas como autistas (GOLDBERG, 2011, p. 8, 93).

Ou seja, autismo hoje não é um diagnóstico, e muito menos um quadro meramente psicológico e de desenvolvimento, e sim um quadro sintomático, uma composição de comorbidades provocadas por uma ou diversas causas associadas, que exigem investigação criteriosa e intervenção múltipla, especial para cada caso, com algumas generalizações possíveis dentro de grupos específicos de causas. Por exemplo, ao longo desses últimos dez anos, o diagnóstico de meu filho já mudou umas quatro ou cinco vezes, e alguns medicamentos foram usados sem necessidade, às vezes até de modo prejudicial, e cada um que os prescreveu garantiu que seriam a solução.



Finalmente, ano passado, chegamos à encefalite viral pós-vacinal crônica,⁴ e assim tem sido mais clara a combinação de protocolos a serem realizados, suas prioridades e duração. Como apontado por Dr. Goldberg (idem), meu filho tem uma síndrome de disfunção neuroimune, associada a vírus, bem como bactérias patogênicas.

Não adianta somente dar medicações que controlam o comportamento se você não sabe realmente a(s) causa(s) e mecanismo(s) da doença (ou evita saber, rotulando com algo genérico), pois dependendo da medicação pode agravar e muito o quadro geral de modo irreversível. Por isso não resolve só falar em inclusão do autismo, como se devêssemos aceitar a criança como ela é, que isso solucionaria a situação. É bem mais complexo e desafiador que isso, e envolve a dinâmica entre tratar, educar e aceitar modos (aqui sim) diversificados de ser e estar no mundo. Essa dinâmica inclui, por exemplo, profundas transformações em nossa alimentação, hábitos cotidianos, integrados a uma postura ético-estética com/no ambiente em que vivemos.

É nesse sentido que, desde 2009, tenho compartilhado ecoperformances com meu filho em vários ambientes naturais e, desde 2018, tenho focado atividades em ambientes marítimos. Passo, agora, a apresentar mais diretamente algumas dessas experiências e como elas tem nos auxiliado a enfrentar as dificuldades desta situação, já que se trata de um contexto e suas relações, não apenas de uma pessoa e sua disfunção. Estas atividades fazem parte do projeto *Imersão como Pesquisa: Criação e composição somático-performativas a partir de deficiências invisíveis e(m) ambientes fluidos* (CNPq 2019-2022).

Tanta tensão pede um ambiente fluido e relaxante, tal qual a água do mar, que tem um efeito calmante ao mesmo tempo em que tonifica, já que é altamente dinâmico. A água do mar substitui o peso da gravidade sobre nossos corpos terrestres, na maioria do tempo eretos ou sentados, pela fluidez e tridimensionalidade entre todas as partes do corpo, que flutuam e agem em sinergia num/com um ambiente aconchegante e inapreensível. Estar mergulhado em um sistema vivo, uma densidade aquosa sem noção de borda ou limite, pode gerar um extremo conforto, ou um medo intenso.

⁴ Para mais informações a respeito de como o Centro Norte-Americano para Controle e Prevenção de Doenças (*US Center for Disease Control and Prevention*) fraudou o estudo científico de Frank DeStefano e William W. Thompson que provou que a vacina tríplice viral d caxumba-sarampo-rubéola estava causando autismo, e seguiu recomendando e tornando obrigatórios esses procedimentos, vide o documentário *Vaxxed: From Cover-Up to Catastrophe* (Andrew Wakefield, 2016).



Atravessar esse medo e encontrar o aconchego do/no fluido primordial é um processo de transformação em todos os níveis, do físico, afetivo, psíquico e mental, até o espiritual. É através do movimento imersivo que esses níveis se articulam e integram, em um processo de aprendizagem, de desafios e de crescimento relacional.

Neste contexto, a relação entre estética e terapia é inevitável e inseparável, bem como entre técnica e criação. Tanto quanto um ambiente em constante transformação, vamos nos movendo entre essas instâncias e mudando nossos modos de nos percebermos, relacionarmos e de criar em fluxo. E isso é fundamental para um dueto que vive em situação de estresse constante, como é o nosso caso. O estresse justamente bloqueia o fluxo, fator de movimento fundamental, subliminar aos outros três (peso, foco e tempo). Por isso, fatores de movimento estão sempre variando, entre livre e contido (fluxo), leve e forte (peso), indireto e direto (foco), desacelerado e acelerado (tempo). A manifestação da atitude interna com relação a estes quatro fatores é sempre uma questão de transição, de gradação entre intensidades mediadas pelo fluxo. Isto porque somos constituídos por fluidos, tanto anatomicamente e morfologicamente,⁵ quanto fisiológica e cinestésicamente. Cada célula viva consiste de 80% de água, e 71% da superfície da terra é coberta por água em estado líquido, dos quais 97,4% está nos oceanos. Ou seja, bloquear o fluxo é ir contra a natureza da vida no planeta, o que não é nada sábio nem recomendável, principalmente a longo prazo, o que pode acarretar mudanças irreversíveis nos sistemas corporais.

Desde novembro de 2018, tenho realizado atividades somático-performativas⁶ com meu filho em ambientes marítimos, mas apenas a partir de 2019.2 comecei a levá-lo para realizar mergulho livre ou mergulho em apneia comigo. As atividades anteriores variavam em profundidade, e consistiram numa transição para as atividades de mergulho. Por exemplo, em piscinas rasas e mornas da maré baixa de Itaparica, consegui após um mês de tentativas, o engajamento de meu filho em dança imersiva

⁵ Na abordagem somática *Body-Mind Centering*®, por exemplo, explora-se o movimento dos diversos sistemas do corpo, inclusive dos sistemas fluidos, que incluem circulação sanguínea, sistema linfático, fluido celular, fluido transicional, fluido intersticial, fluido cefalorraquidiano, fluido sinovial, periórgão, tecido conjuntivo ou fascia, gordura (COHEN, 2016). Além disso, existem inúmeras substâncias fluidas e líquidas que compõem o corpo humano, como saliva, suor, suco gástrico, urina, bile etc.

⁶ Somático-performativo é uma denominação que venho adotando desde 2012, através da junção entre abordagens somáticas e o arcabouço da arte da performance, da dança-teatro e da dança improvisação. Sob perspectivas somáticas, a performatividade vincula-se à pulsão do movimento, entre mover e ser movido, pausa e ebulição (FERNANDES, 2018b).



com utilização do peso do corpo, ativando seu olhar e estado emocional. Foi um dia surpreendente quando ele aceitou meu convite e, sem aviso, pulou em mim e começamos a nos adaptar um ao outro em movimento e em meio à água circundante. Não foi exatamente uma sessão de contato improvisação, pois não usamos o contato todo o tempo como estímulo para movimento, mas certamente este foi um dos fatores da experiência, que por vezes incluiu também descansos e pausas suspensas ou flutuações.



Imagens 01 e 02. A autora e Lucio Di Franco, Itaparica, janeiro de 2019 (Acervo pessoal)

Fonte: registro pessoal da autora durante ecoperformance.



As práticas de mergulho livre, realizadas até agora, foram nas praias do Porto da Barra e do Farol da Barra, em Salvador. Quando mais novo, Lucio ia sozinho para o mar como que hipnotizado e ia cada vez mais para o fundo, sem nenhuma noção do perigo, e era bastante estressante levá-lo à praia por este motivo. Mas sempre levei, e tentava contornar a situação estando com ele no mar e mantendo o limite de profundidade, já que eu mesma tinha medo do fundo, apesar de nadar três estilos com facilidade. Ao longo dos anos, eu fui perdendo esse medo, através de várias atividades imersivas que venho desenvolvendo. Meu filho, por outro lado, vem ganhando mais controle e até mesmo medo. Fica à beira-mar admirando as ondas, pois adora a maré alta, e entra para nadar sozinho, mas olhando para mim entre uma onda e outra. Venho ensinando isso a ele ao longo dos anos para sua segurança. Já fez muitas aulas de natação, mas não nada nenhum estilo específico nem aprendeu a sincronizar movimento e respiração no nado, pois resiste a imitar movimentos e tem dificuldade em seguir instruções. Eu mesma já tentei ensiná-lo durante anos e, por fim, ele se apressa a descobrir seus próprios modos de nadar e se deslocar na água, que nem sempre são muito eficientes, mas funcionam até certo ponto, e consegue mergulhar a cabeça de vez em quando.

Após vencer todas as crises e passar por todos os protocolos domésticos, caminhávamos até a praia, que fica a uns dez minutos. Chegando lá, deixávamos os pertences numa barraca paga, para que pudéssemos ir mergulhar sem nos preocuparmos em tomar conta de nada. Inicialmente, ele não aceitava máscara de mergulho nem nadadeira. Qualquer objeto desses o deixava muito irritado. Com água na altura dos quadris, eu tinha que ser bem rápida para poder colocar minhas nadadeiras e minha máscara com *snorkel*, enquanto ele ainda estava calmo me aguardando ao meu lado, próximo à prancha de sinalização de mergulho (que ficava do meu lado oposto, caso ele ficasse nervoso e quisesse mordê-la, pois é de isopor e não resistiria; mas aos poucos fui ensinando-o a tomar conta da boia enquanto eu me arrumava e isso o deixava ocupado).

Em seguida, eu ia levando-o rumo ao fundo, com suas mãos segurando a boia, a qual tinha um fio de cinco metros que na ponta estava amarrado ao pulso dele por um velcro; enquanto eu já estava com o rosto submerso e observando-o por debaixo d'água. Parando a certa altura, por exemplo, com uma profundidade de uns três



metros, eu experimentava ficar flutuando com ele na água e mergulhar a cabeça, o que ele fazia em impulsos rápidos, e retornava logo, sempre em movimentos muito descoordenados e apressados, provavelmente com medo de perder o contato com a boia de segurança.

Movimentos descoordenados vêm sendo usados na dança contemporânea como uma opção estética criativa, dentro de inúmeras outras opções. Isto difere de usar tais movimentos quando apenas esses nos são possíveis dentro de uma dada situação, onde demarcam uma limitação restritiva, que pode inclusive ser usada no contexto criativo e político, promovendo a visibilidade de condições corporais não-hegemônicas em dança e performance. Porém, é necessário perceber também quando movimentos descoordenados são resultado não apenas dessas condições, mas justamente da falta de acesso a abordagens que podem expandir nossas opções expressivas para incluir o máximo possível de amplitude de movimento e escolhas sensíveis pelo realizador. É neste terceiro nível de criação em dança e performance através da somática que reside minha atuação com meu filho.

Dia após dia, fomos nos afastando mais da praia, aumentando a profundidade gradualmente, e após cerca de um mês resolvi tentar arriscar a máscara de mergulho de novo. Desta vez ele aceitou, mas ainda não conseguiu usar o *snorkel*, porque o processo de respirar pelo tubo é algo muito difícil para ele. Então retirei o *snorkel* e deixei só a máscara, que facilita a movimentação dele na água. Foi incrível quando ele aceitou a máscara de mergulho e afundou o rosto, com a água ainda numa profundidade em que alcançava o chão. Ele demorou bastante para entender o processo e até mesmo me deixar encaixar os óculos de modo apropriado em seu rosto. Mas assim que conseguiu, ele mergulhou o rosto com a máscara, imediatamente subindo à superfície e me olhou nos olhos maravilhado. Descemos juntos um pouco e nos olhamos, ele ficou muito entusiasmado com a descoberta dessa nova dimensão, essa nova perspectiva. Mais ao fundo, sempre víamos muitos cardumes e peixes coloridos, e até tartaruga, além de algas e rochas.

Tudo isso é muito novo para ele, e o tira da apatia cotidiana. Inclusive, ele passou a apontar essas novidades embaixo d'água, após eu apontá-las repetidamente (ele tem dificuldade em apontar coisas, e isto é importante para criar relação e vínculo). Devo acrescentar que Lucio tem 7 graus de hipermetropia em um dos olhos, e 3 graus no



outro. Ou seja, a visão é um grande marco no seu quadro e enxergar ajuda muito a desenvolver o foco e a realizar contato, que evita inclusive através do desvio constante do olhar.

A certa altura, decidi acrescentar também as nadadeiras, e demorou cerca de um mês para ele entender como mover os pés com esse equipamento, mas não desisti. Ele não entendia nem por explicação, nem por demonstração, só pelo toque. Antes de aprender, movia os pés de modo que muitas vezes as nadadeiras o faziam afundar em pé, ao invés de ajudá-lo a se equilibrar e flutuar ou impulsionar o movimento. Ou seja, ele precisava aprender o movimento funcional para que pudesse deslanchar em seus movimentos na água, inclusive mergulhar. Para ensiná-lo, eu movimentava seus calcanhares alternadamente por pequenos períodos de tempo para que não ficasse nervoso, mas cada vez mais ele foi aceitando e realizando os movimentos. A partir desta fase com as nadadeiras, o procedimento ao entrar no mar era ainda mais arriscado, pois ele não entendia muito bem como aquilo funcionava e mesmo como colocá-lo, o que já não é algo fácil para um neurotípico, quanto mais para ele. Ficávamos ali na beira-mar, os equipamentos apoiados na prancha/boia de segurança, e eu ia colocando as meias e nadadeiras nele (tentando não demorar muito para não deixá-lo irritado), sob o olhar curioso das pessoas por ali, que viam meu modo de tratá-lo e seu modo de agir, por vezes até batendo na cabeça, e percebiam que era uma situação especial.

Nessas ocasiões, eu percebia olhares de curiosidade, mas também de espanto (semelhantes àqueles do aeroporto), pois talvez fosse uma opção bastante audaciosa levar uma criança autista severa para mergulhar sabendo que isso é altamente arriscado. Mas é assim que podemos transformar bloqueios e medos, nossos e dos que nos rodeiam.

Indo mais para o fundo, com cerca de seis a oito metros de profundidade, cada dia mais fomos descobrindo novos modos de percepção e movimentação, gradualmente tornando seus movimentos mais fluidos e conectados, e os meus, menos controladores da situação que sempre é tão iminente limítrofe. Por vezes, inclusive, ele teve crises agressivas quando estávamos bem no fundo, sem nenhuma ajuda, o que, aliás, não é nada diferente de muitas vezes em casa ou na rua, exceto pelo ambiente aquático, que a princípio poderia ser um fator de risco, mas tem sido um



fator de apoio e resolução. Durante essas crises, procurei ao máximo manter a calma, numa profunda conexão com o imenso ambiente fluido, e tenho usado essa sensação, conexão e qualidade de movimento mesmo quando não estou no mar, para atravessar momentos de crise com ele.

Lembro-me das vezes que aconteceu durante os mergulhos, ele de repente começou a se descontrolar, rapidamente chegando a um ponto muito alto de tensão e agressão. Duas coisas ajudaram muito nesses momentos. Em primeiro lugar, dava as mãos para ele (às vezes as mãos escapavam pelas agressões, mas eu as retomava assim que possível), olhando fixo em seus olhos, enquanto usava minhas nadadeiras para flutuar, ao mesmo tempo em que usava a qualidade fluida da água para nos mover, respirando com muita calma, e me movendo sempre muito tranquila, fluida e continuamente. Quando essa estabilização fluida se instalava, eu ia bem devagar submergindo e emergindo minha cabeça, como se eu estivesse me diluindo na água, me confundindo com ela. Em meio a essa dança imersiva, Lucio começava a me observar curioso, já que ao invés de ficar nervosa e agitada como de costume com suas crises, eu me movia muito fluidamente. Isso pouco a pouco o acalmava, até que a certa altura ele também acabava por mover-se de modo mais fluido, submergindo devagar, para depois voltarmos a mergulhar.

Outras vezes, a crise estava no começo e eu imediatamente desviava sua atenção para algo interessante, como por exemplo, algum peixe ou cardume que estivesse passando. Como tudo nesse ambiente é muito instável, como uma grande performance planetária, se ele não olhasse os peixes naquele instante, não veria mais e, de algum modo, ele sabe disso. Ao invés de prestar atenção (e reforçar) sua crise, eu mergulhava para ver e nadar com os peixes (se você quer realmente ver, tem que ir junto com eles). Ele percebia essa mudança instantânea de foco, e tinha que fazer uma opção rápida. Os peixes eram irresistíveis, e ele mergulhava para ver, transformando a tensão fragmentante da crise em atividade fluida e relacional. Como seu impulso de movimento apenas começara a se agitar e desorganizar na crise, ficava mais fácil de ser redirecionado (ao invés de controlado), para algo também altamente dinâmico, porém organizado no todo do corpo a partir da fluidez e do foco direto.

A técnica do mergulho em si foi um processo bastante árduo, que só consegui devido à somática, mais especificamente, aos Padrões Neurocelulares Básicos ou



PNCB⁷. Para mergulhar, Lucio tem um modo próprio bastante repetitivo de afundar com o corpo bem ereto, mantendo os pés ao fundo até encostar no chão, e voltar à superfície. Ou seja, a cabeça é a última parte a entrar na água, e assim logo ele pode voltar a respirar. Este é um modo bem improvisado de mergulhar, pois, de fato, não o ajuda a ver o ambiente marítimo, já que mantém a cabeça num nível sempre muito superficial na água, e o corpo ereto como se estivesse em ambiente terrestre não o permite interagir tanto com o ambiente aquático. Por isso, custou-me bastante ensiná-lo a mergulhar como se faz no mergulho livre.

O modo que Lucio descobriu sozinho é simplesmente oposto ao utilizado no mergulho livre, onde se flutua na superfície da água, com a frente do corpo para baixo, até sentir que a respiração está estável através do *snorkel*. Em seguida, dobra-se na altura da lombar e do quadril, formando um ângulo reto (90°) com o torso que vira na direção do fundo do mar. Isso permite que a parte mais leve do corpo (a parte de cima) afunde diretamente para baixo, não para alguma diagonal ou em algum percurso curvilíneo, como fazemos ao mergulhar numa piscina, por exemplo. Logo após mergulhar o torso em direção reta para o fundo, ergue-se as pernas retas para o céu, completando a linha do corpo, que fica em noventa graus com a superfície da água. Assim que os pés entram na água (e não antes, no ar), começamos a mover as nadadeiras, impulsionando o corpo todo rumo ao fundo. Isto garante atingir o máximo de profundidade em menor tempo do que se fizéssemos uma diagonal ou algum percurso curvo ao mergulhar, uma vez que a água nos empurra para cima e com isso acabamos por ter um pequeno desvio de rota também no sentido da maré.

Este processo não é nada fácil. Para aprendê-lo, usei de algumas aulas de tecido acrobático, onde aprendi a ficar pendurada de cabeça para baixo, para me entender nessa posição invertida. Ou seja, utilizei-me do elemento ar para poder interagir melhor com o elemento água. Mesmo fazendo aulas de circo, Lucio não aceitava mergulhar com a cabeça ao invés dos pés, e levei muitos chutes subaquáticos em suas tentativas enquanto tentava através de movê-lo a partir do torso, por exemplo. Foi então que

⁷ Os Padrões Neurológicos Básicos desenvolvidos por Irmgard Bartenieff são: Respiração Celular, Irradiação Umbilical, Espinhal (cabeça/cauda), Homólogo (parte superior / parte inferior), Homolateral (metade do corpo) e Contralateral (lados cruzados). Sua aluna Bonnie Bainbridge Cohen os aprimorou em dezesseis padrões, que denominou de Padrões Neurocelulares Básicos, que se dividem em pré-vertebrados e vertebrados (COHEN, 2016).

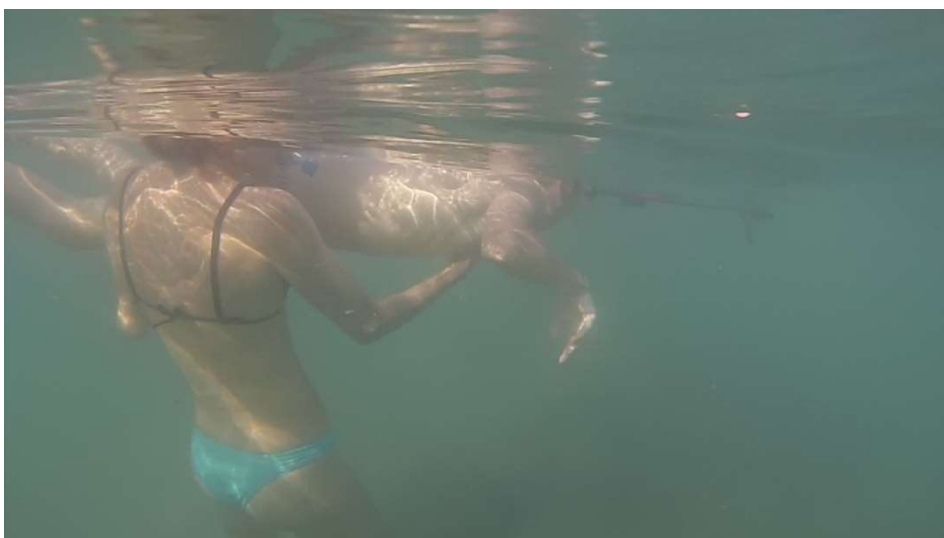
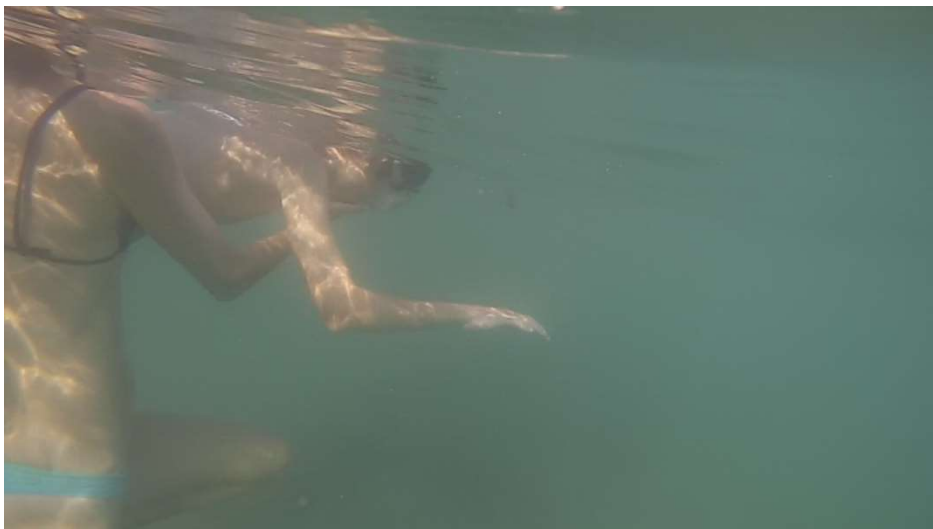


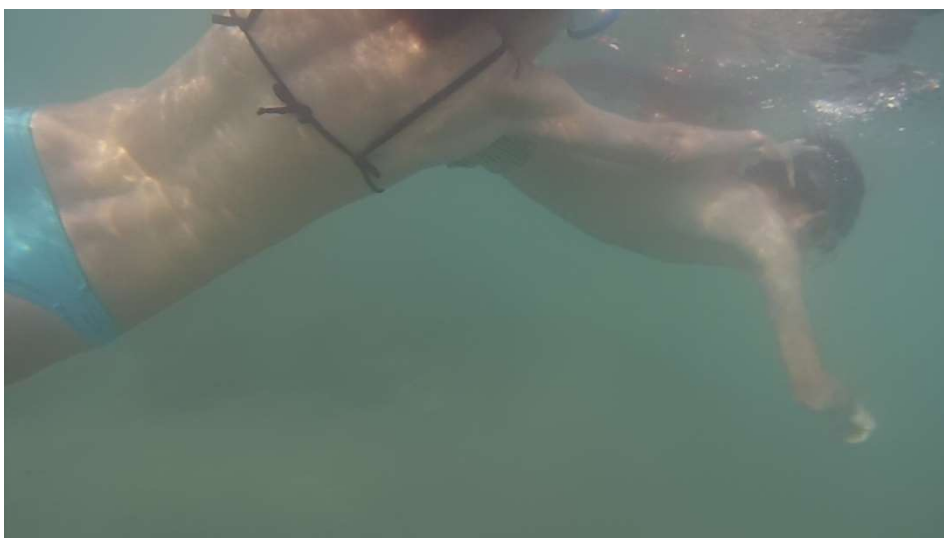
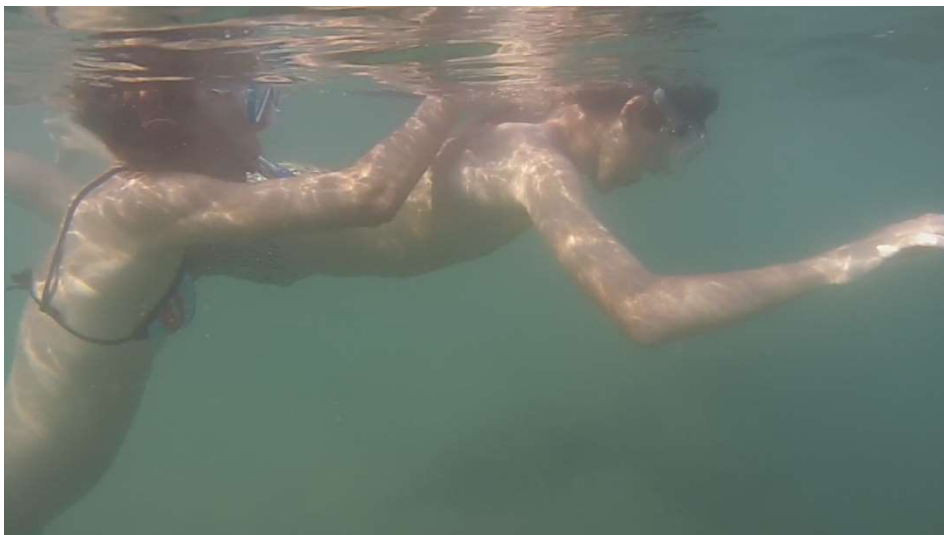
percebi que a chave da questão estava numa falta de iniciação do movimento a partir da cabeça. Apesar do centro de peso / pélvis ser fundamental no impulso e organização total do movimento, é a cabeça que destemidamente entra na água primeiro. E essa era justamente a parte que ele mais protegia e deixava por último. Todo seu corpo reagia a inverter o sentido do movimento.

Foi preciso ajudá-lo primeiro a flutuar na superfície da água, mesmo que apenas por alguns instantes cada dia⁸, para que sentisse a horizontalidade do corpo, igualando estímulos pelo torso e, principalmente, trazendo o foco para o centro de peso, segurando-o próximo ao umbigo, em Irradiação Umbilical. Tentei, em seguida, estimular a conexão Cabeça-Cauda (padrão Espinhal), tocando ao longo da coluna com ênfase no eixo longitudinal do corpo, desde a cabeça até os calcanhares, como um peixe, por exemplo. No entanto, logo percebi que precisava retornar ao padrão pré-vertebrado que dá origem ao Espinhal, denominado de padrão de Movimento Oral / padrão de Movimento Anal (*mouthing / analing*) (COHEN, 2016). Este é um movimento que conecta a busca por alimento originada na região ao redor da boca com a função excretora da região anal, através do tubo digestivo. Segundo Thomas Myers (2020), é ao redor do tubo digestivo que se estruturam os outros três tubos fundamentais de nossa constituição (nervoso, espinhal, e circulatório), conectando-nos a outras formas de vida anteriores a nós na evolução filogenética, como é caso do peixe.

⁸Só conseguimos ir mergulhar no máximo três vezes por semana, principalmente nos finais de semana, pois a semana é repleta de terapias.









Imagens 03 a 09. A autora realizando exercícios de Padrões Neurocelulares Básicos em Lucio Di Franco em preparo para mergulho livre - Praia do Farol da Barra, Salvador BA, out. de 2019.

Fonte: Vídeo *still*. Filmagem: Carlo Di Franco.

A partir do estímulo na região da cabeça em pequenos movimentos ondulatórios e circulares, como girar e rodar, com o apoio do centro de levitação (tórax) e centro de peso (pélvis) e envolvimento de todo o corpo, aos poucos o movimento podia partir da cabeça com acompanhamento do todo, em mergulhos gradualmente mais profundos.

Em meio a estes, ele retornava a seu modo de mergulhar ereto, que por vezes eu tentei evitar incentivando-o a iniciar pelo topo do corpo para afundar, por vezes deixava-o realizar a seu modo como meio de se recuperar da ansiedade do novo aprendizado. Nesse meio tempo, eu mergulhava repetidas vezes, chamando sua atenção para minha cabeça como mergulhando primeiro, tocando uma de suas mãos na minha cabeça enquanto essa se movia rumo ao mergulho. Mas sem o tato que realizei em seu corpo durante esses exercícios somáticos, certamente não teria conseguido seu aprendizado para mergulhar primeiro a cabeça e inverter o sentido do corpo. Pouco a pouco, ao longo de um período de um mês, ele foi realizando os mergulhos a partir da cabeça, e eu pude também auxiliá-lo a fazer um ângulo mais reto com o torso, indo com o corpo todo em direção ao fundo, sem que ficasse com medo. Em meio a estas atividades, muitas vezes recolho lixo tanto na superfície quanto no fundo, ao que ele me observa atento.



A partir deste aprendizado inicial de mergulho, temos podido ir até as rochas mais ao fundo e, conseqüentemente, explorar mais deslocamentos em áreas maiores, bem como distâncias entre nós, exercitando nossa independência mútua e autonomia. Confortáveis em imersão, realizamos movimentos fluidos soltos entre nós e o ambiente, explorando a dinâmica entre mover e ser movido, tanto um pelo/com outro, quanto pelo/com o ambiente. Assim, expandimos nossa cadência de possibilidades expressivas muito além daquelas impostas pelos movimentos das crises, caracterizados por socos, tapas, rasgões, mordidas etc. Como nas ações básicas de Rudolf Laban, socar se complementa com flutuar, compondo a primeira diagonal da forma cristalina do cubo ou hexaedro na Escala Diagonal (FERNANDES, 2006). Enquanto socar se compõe da associação entre forte, acelerado e direto, flutuar associa leve, desacelerado e indireto. São extremos opostos que, em uma figura oito ou Anel de Moebius, alternam entre execução e recuperação.

É claro que não queremos que as crises perdurem, e esperamos que elas se diluam o quanto antes, já que estamos fazendo todos os tratamentos indicados, inclusive pelo Autism Research Institute, através de médicos com formação específica. No entanto, enquanto a situação ainda está em processo, é preciso encontrar meios de recuperação somática, que não sejam apenas terapêuticos, o que implica e até confirma e reforça um quadro patológico (quando não estamos doentes, não precisamos de terapias). Imersões em ambientes fluidos, em especial os marítimos, são modos não apenas de recuperação desse contexto patológico (inclusive a agenda cheia de terapias), mas, principalmente, de criar conexões e novas possibilidades de existência para além de um ambiente saturado de rotinas e restrições altamente limitantes.

É no ambiente marítimo, com toda sua vastidão e inteireza assustadoras, mas também ilimitadamente acolhedoras, que encontramos o suporte material e afetivo para lidar com a situação limítrofe em que vivemos, e reconquistar nosso espaço de liberdade, interação afetiva e poder.

**Agradecimentos à equipe do Anelão Free Snorkeling,⁹ que vem me ensinando a mergulhar.*

⁹ Projeto de mergulho livre sem fins lucrativos, criado e mantido por mergulhadores profissionais voluntários que se encontram mensalmente para ministrar aulas em diversos níveis, inclusive com equipamentos disponíveis, nas praias da Barra de Salvador BA. O grupo é composto por Alexandra



Referências

- COHEN, Bonnie Bainbridge. **Sentir, perceber e agir:** Educação somática pelo método Body Mind Centering. São Paulo: Edições Sesc, 2016.
- FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento:** o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- FERNANDES, Ciane. Autista ou artista? Abertura participativa e poéticas da diferença na Pesquisa Somático-Performativa. In: Felipe Henrique Monteiro Oliveira; Nara Salles (org.); **Corpos Diferenciados em Performance**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018a, pp. 75-98.
- FERNANDES, Ciane. **Dança Cristal:** Da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa. Salvador, EDUFBA, 2018b.
- GOLDBERG, Michael J. **The myth of autism.** How a misunderstood epidemic is destroying our children. New York: Skyhorse, 2011.
- MYERS, Thomas. NeuroMyofascial Web. **Somatic Movement Summit**, 08 de maio de 2020. Apresentado em: www.courses.futurelifefenow-online.com.
- RITA, Rogério; MACHADO, Tielle. “**AutismoS**”: Sinais precoces, comorbidades e tratamentos. Semana do Autismo. Live. 02 de abril de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/SpmGtobMg2U>
- WAKEFIELD, Andrew. **Vaxxed:** From Cover-Up to Catastrophe. Documentário. 2016. 91 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2U8CVy6NV0>

*Recebido em 05 de junho de 2020
Aceito em 10 de julho de 2020*

Rodrigues de Souza, Anderson Costa Santos, André Clemente Correia, Clóvis Machado dos Santos, Edinéia Rodrigues Santos, Eduardo Marques Menezes de Araújo, Ricardo Silva Santana, e Ronaldo Batista Santos. Mais informações em: <https://aulaofreesnorkeling.wordpress.com/contato>.

